



A CIDADE QUE VIROU METRÓPOLE

São mais de duas décadas de história. Uma contribuição ímpar para a história da Bahia. Na edição desta semana, um pouco do que foi, do que é e o que vai ser daqui para frente a Metrópole, a rádio que mudou para sempre a forma de se contar histórias. Págs 4 a 6



COLUNA



MALU FONTES

Jornalista, doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas, professora da Facom/UFBA e colaboradora da Rádio Metrôpole

OS MELANCÓLICOS DA DITADURA E O CAOS

Desde o fim do regime militar, com a posse de José Sarney, em 1985, não se via na Presidência da República tamanha melancolia da ditadura. Cinquenta e sete anos depois do golpe, soavam muito esquisitas, nesse 31 de março de 2021, as capas dos principais jornais do país. As notícias que disputavam destaque com as da pandemia pareciam de um outro tempo, deslocadas de contexto. Eram inúmeras as referências aos militares, às possibilidades de ruptura da democracia e às garantias de estabilidade institucional.

Numa coincidência grande demais para ser só isso, no dia 30 de março, véspera do aniversário oficial do golpe de 1964, os três comandantes das Forças Armadas entregaram o cargo ao presidente Jair Bolsonaro. A versão que prevaleceu foi a de que fizeram isso como

forma de demonstrar que os militares são um bloco homogêneo, não divergem e, em bloco, discordam dos flertes do presidente com o golpismo. Mesmo depois de provocar a demissão dos comandantes e de mexer e remexer em várias pastas do seu ministério,

57
anos do
golpe
militar

o presidente saiu da semana mais frágil do que entrou e ainda está devendo aos aliados do Congresso as cabeças de Ricardo Salles e Milton Ribeiro, respectivamente do Meio Ambiente e da Educação.

Inicialmente, o bolsonarismo tentou vender a tese de que o presidente, exercendo sua autoridade de comandante em chefe das Forças Armadas, é que teria demitido os comandantes. Não foi. Não foi um episódio de demonstração de força do presidente, mas de enfraquecimento. Até segundo o vice-presidente Hamilton Mourão, foi uma demonstração dos militares de obediência ao Estado, à Constituição, e não ao presidente.

SEM MÁSCARA - Desconfortáveis com as repetidas falas do presidente citando as Forças Armadas como suas e como ameaça a quem discorda dele quanto às medidas restri-

tivas e postos à prova com a demissão do ministro da Defesa, o general Fernando Azevedo e Silva, os comandantes usaram o pedido de demissão como forma de avisar que as Forças não aderem ao desejo por golpe. Mas Bolsonaro, antes de tudo, é um teimoso. Abandonado pela elite das Forças Armadas na véspera, na quarta-feira o presidente foi à primeira reunião do comitê formado por governo e Congresso para discutir ações contra a pandemia.

Na reunião, o novo ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, defendeu o uso de máscaras e criticou aglomerações. O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, o cutucou com varas mais curtas, quanto à pandemia, à democracia e aos arroubos de autoritarismo: “Estamos absolutamente vigilantes a todo instante. Não permiti-

remos retrocesso. Temos só dois caminhos: a união ou o caos. Esta Presidência acredita que não há nem a mínima iminência de qualquer risco de rompimento. Mas, se houver, cabe a esta Presidência do Senado reagir”. O que fez o presidente após a reunião? Sem máscara, antes, durante e depois, criticou as medidas e disse: “Não é ficando em casa que nós vamos solucionar esse problema”. Pelo jeito, a opção foi, de novo, pelo caos.

Presidente saiu da semana mais frágil que entrou

Publisher **Editora KSZ**
Diretor Executivo **Chico Kertész**
Editor **Matheus Simoni**
Projeto Gráfico **Marcelo Kertész**

Editor de Arte **Paulo Braga**
Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**
Redação **Christina Miranda, Juliana Rodrigues, Kamille Martinho, Matheus Simoni, Nardele Gomes e Stephanie Suerdieck**

Revisão **James Martins e Matheus Simoni**
Comercial **(71) 3505-5022**
comercial@jornaldametropole.com.br

Jornal da Metrôpole
Grupo Metrôpole
Rua Conde Pereira Carneiro, 226
Pernambúes CEP 41100-010
Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000

José

dos Santos Alves



**é um dos 20 mil
beneficiados pela Prefeitura
com 270 reais por mês**

A pandemia afetou a vida de todos, principalmente de quem mais precisa. Por isso, a Prefeitura não mediu esforços para ampliar seus programas sociais. Está acolhendo moradores de rua, distribuindo refeições, entregando mais de 160 mil cestas básicas para as famílias mais carentes e um auxílio de 270 reais por mês para trabalhadores que ficaram sem renda. Em tempos tão difíceis é bom saber que você pode contar com a Prefeitura.

Use máscara. Não aglomere.

21 ANOS: DA CIDADE PARA A METRÓPOLE

Fidelidade, informação e cultura marcam a trajetória de diálogos, entrevistas, histórias e acontecimentos marcantes nas ondas do rádio

Trajectoria

Texto **Nardele Gomes**
nardele.gomes@radiometropole.com.br

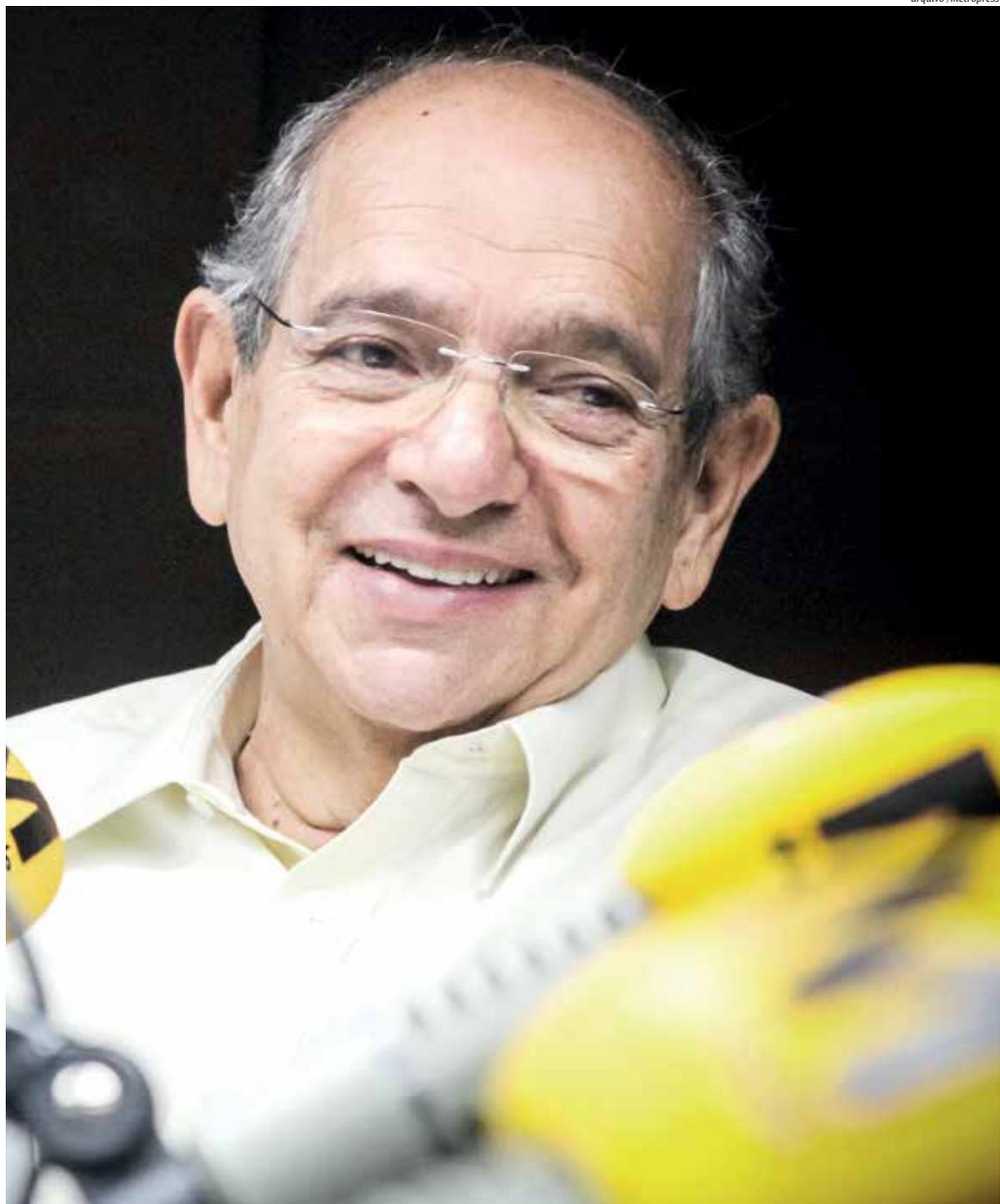
Ano 2000. Nem parece, mas 21 anos se passaram desde que ficamos apreensivos com o bug do milênio, que celebramos o Brasil 500, que estranhamos os dez reais de plástico, que criamos perfis no Orkut. Nas emissoras de rádio, as “mais pedidas”, os brindes, um ou outro programa com um pouco – bem pouco – de conversa, quase sempre sobre música. Mas aqui em

Salvador uma ideia inusitada ganhava força nos bastidores da Rádio Cidade. Mário Kertész, que já ensaiava um programa de notícias e comentários de meia hora de duração, percebeu que havia uma demanda crescente da cidade de falar e ouvir sobre si mesma. E decidiu, junto com uma equipe formada pelos filhos Chico e Mariana, além de Abraão Brito, Norma Rangel, André Henning, Luana Montargil, Denise Magnavita e outros, que era a hora da Cidade crescer. Começava ali, há 21 anos, a história da **Rádio Metrôpole**.

“A Metrôpole foi a primeira que enfrentou o sistema carlista, que dominou o estado por 40 anos.

”

**Mário Kertész,
âncora**



arquivo/metropress

21 ANOS DE MICROFONES ABERTOS PARA A AUDIÊNCIA...

ulisses dumas / metropress

“Posso não concordar com uma palavra do que dizes, mas defenderei até a morte o seu direito de dizê-lo”. A frase do escritor francês Voltaire acabou se tornando um lema da **Metrópole** nesses 21 anos. Aqui, desde sempre, todo mundo fala e todo mundo ouve. Os microfones estão abertos para que a audiência diga o que pensa: defenda seus pontos de vista, reclame seus di-

reitos, exija melhorias, comente os assuntos, ou simplesmente pra rir, conversar, sem nenhum tipo de triagem do que será dito. Tanta liberdade foi mal interpretada no início. “O pessoal entrava pra falar palavrão, dizer bobagens”, conta Mário Kertész, que abriu os microfones pela primeira vez no antigo Jornal do Meio Dia, hoje Jornal da Metrópole no Ar. Norma Rangel

complementa: “diziam barbaridades. Mas a gente pensava ‘vão cansar porque vão entender que produto radiofônico é este’”. E foi exatamente o que aconteceu. Nesses 21 anos formou-se uma comunidade de ouvintes que fizeram e fazem a nossa história junto com a gente, além de autoridades, pensadores, políticos, comentaristas, médicos, artistas.



arquivo / metropress



arquivo / metropress



...E PARA DIFERENTES PENSAMENTOS POLÍTICOS

A decisão de abrir os microfones não foi fácil. “Eu fiquei assustadíssimo, achei que íamos perder espaço. Errei feio e em pouco tempo eu percebi”, conta Chico Kertész, hoje o Diretor Geral do **Grupo Metrópole**. Essa decisão acabou sendo um marco para a abertura de um espaço para o confronto de ideias, inclusive políticas. “A Metrópole

foi a primeira que enfrentou o sistema carlista, que politicamente dominou o estado por 40 anos”, conta Mário Kertész. “Abrimos espaço pra Lula, Jaques Wagner, Nelson Pelegrino, pra todas as lideranças petistas. Isso causava profunda irritação no sistema dominante, a ponto de suspenderem toda a publicidade da rádio”.

arquivo / metropress



arquivo / metropress



HISTÓRIAS DE QUEM FEZ A NOSSA HISTÓRIA

A **Metrópole** é feita de histórias. Das de quem já passou por aqui. Algumas dessas pessoas marcaram nossa vida de um jeito definitivo, e estão no DNA do que somos, como o querido e saudoso Professor Dr. Roberto Albergaria, que toda segunda-feira nos apresentava com seus comentários inteligentíssimos e ao mesmo tempo debochados. Outras seguiram outros rumos, mas estão sempre presentes de algum jeito:

Rita Batista, Camila Cintra, Jéssica Senra, Lis Grassi. Isso sem falar nos ouvintes diários, aqueles velhos amigos de mais de duas décadas, como os já falecidos e queridos Roberto de Itapuã, Veruska, Dona Rai, e aqueles que seguem no contato: Johnny Souza, Edna do Pau Miúdo, Alcimar, Budião, Têlio e outros tantos. O espaço aqui não cabe todos os nomes, mas conhecemos vocês como vocês a nós. Somos uma comunidade há 21 anos.



arquivo / metropress



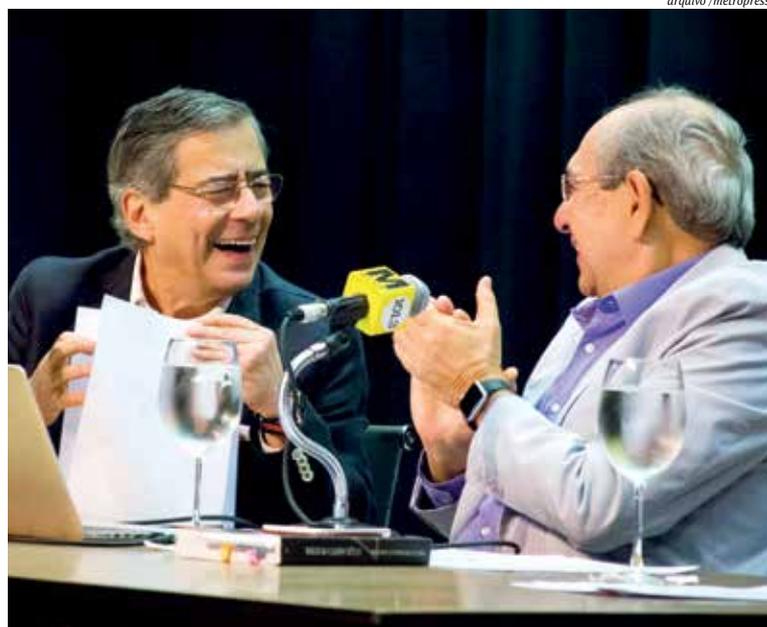
arquivo / metropress

PROGRAMAS MARCANTES E HISTÓRIAS CONTADAS NO RÁDIO

Jornais, entrevistas, esporte, classificados, debates, radionovelas, programas de auditório. A inquietação é um traço marcante da personalidade da **Rádio Metrópole**. Nesses 21 anos inventamos programas como a Feira do Cacareco, os Classificados da Metrópole, Pergunte ao Especialista, Punkada Rock, Aí vem Elas, Erva

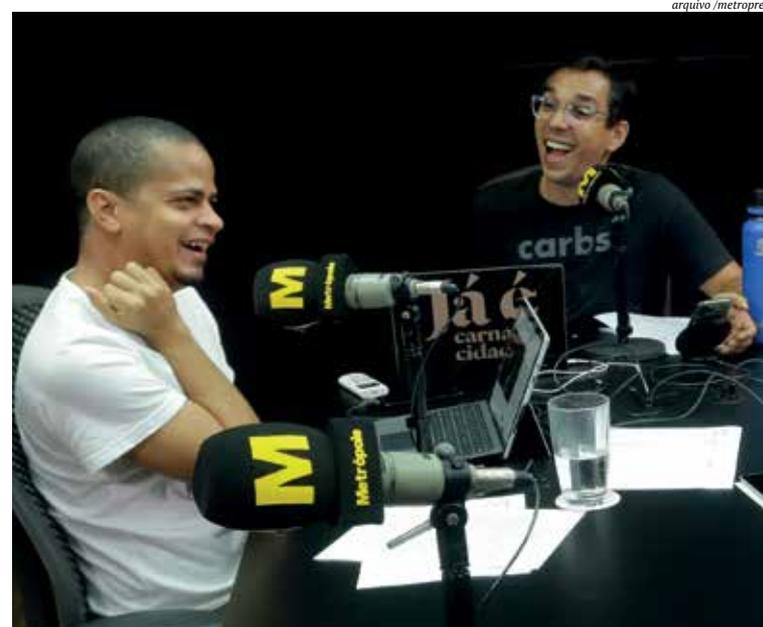
Doce, Cacete Armado, Playlist 9, O Foca, Sintonia, Só Para Mulheres e muitos, muitos outros. Também voltamos às origens do rádio e fizemos programas de entrevistas com plateia, cara a cara com a nossa audiência, como o MK Entrevista, Entre Páginas Especial e Café com MK, sempre com transmissão ao vivo e a

participação do ouvinte tanto no auditório quanto pelo telefone, sempre marcando presença ativa. Nesses programas, Mário Kertész entrevistou pessoas como Luis Felipe Pondé, Zuza Homem de Melo, Juca Kfourri, Marcelo Nova, Lira Neto, Xico Sá, Paulo Markun, Rui Castro, Sebastião Nery, entre muitos outros.



arquivo / metropress

21 ANOS
de cultura, informação e histórias com a nossa gente



arquivo / metropress

PELO POVO, A SERVIÇO DO POVO

100%

de
participação
dos ouvintes

Programa Metrópole Serviço confirma função primordial da emissora para ajudar, solucionar conflitos e descomplicar a burocracia do cotidiano

Utilidade pública

údo para o dia-a-dia.

E como as queixas, dúvidas e reclamações nunca deixaram de existir, o Metrópole Serviço continua firme e forte. O ouvinte que esbarra em portas fechadas, na burocracia e na falta de informação encontra no Serviço os professores, os especialistas, os gestores — muitas vezes com sotaques e jeitos diversos — para ajudar. O mundo jurídico é também muito forte na Metrópole. Com os direitos e deveres, o ouvinte se engaja, participa e ajuda a fazer o programa.

Texto **Christina Miranda**
christina.miranda@metro1.com.br

O ouvinte sempre foi o grande protagonista na **Rádio Metrópole**. Antes mesmo de virar uma **Metrópole**, quando ainda era uma Cidade, pequena, mas cheia de ousadia. Isso é jornalismo. Com tantos pedidos de auxílio, surgiu o Metrópole Serviço. Já teve horário e duração diferentes, mas sempre com a mesma ideia: conte-

arquivo /metropress



arquivo /metropress

SEMPRE AO LADO DO OUVINTE

Marcelo Carneiro foi um desses. Pediu socorro. Queria entender como organizar as contas e virou entrevistado. “Foi incrível como me senti em casa, acolhido”, contou o empresário emocionado. Posso sim me gabar de ter ouvintes incríveis e entrevistados com muita vontade de realmente apoiar. Outro exemplo é Ricardo Porto. O aeroviário guarda

todo o histórico de pedidos pra consertar uma tampa de bueiro. Juntos, descobrimos quem poderia resolver, e deu certo. No dia seguinte, fim do problema.

Sou uma entusiasta do Serviço. Uma paixão que virou amor. Sem exagero. A possibilidade de ajudar através do jornalismo é arrebatadora, ainda mais com qualidade, conteúdo e informação.



arquivo /metropress



arquivo /metropress

EM PROL DO BEM-ESTAR, SAÚDE É COM A METRÓPOLE

10
anos levando
informação
sobre Saúde

Programa MetrÓpole Saúde se aproxima da população e conversa sobre os mais atuais temas da área de saúde

Saúde

Texto **Stephanie Suerdieck**
stephanie.suerdieck@metro1.com.br

Aquele jeito bem nosso de fazer jornalismo também marca presença quando o assunto é saúde. A nossa essência sempre foi a participação popular e, não importa a área, o ouvinte é peça fundamental em nossos programas. No MetrÓpole Saúde não é diferente. Informação atualizada, com conteúdo e a credibilidade dos especialistas convidados. Para trazer um novo caminho para a conversa e fazer o entrevistado responder aquela pergunta que é de muitos, entra a participação do ouvinte. Assim é o MetrÓpole Saúde, no ar nas tardes da **Rádio MetrÓpole**,

de segunda a sexta-feira, há quase 10 anos.

Cada dia um novo tema e uma nova oportunidade de falar abertamente sobre saúde, cuidados, qualidade de vida e bem-estar. Através de entrevistas com médicos de diversas especialidades e outros profissionais da área de saúde, o programa se tornou um espaço de bate-papo dos assuntos mais atuais e relevantes, sempre com os microfones e aplicativos de mensagens à disposição do ouvinte para esclarecimento de dúvidas. “O MetrÓpole Saúde ajuda as pessoas a ter noção das doenças e como preveni-las, tem uma função social de grande repercussão em nossa sociedade”, explica a médica oftalmologista e parceira do programa Dra. Rita Lavínia.



TIRANDO DÚVIDAS DA POPULAÇÃO

Com o espaço aberto e uma linguagem acessível, os ouvintes se sentem a vontade para participar e buscar esclarecimentos. “Acredito que o MetrÓpole Saúde é um dos mais importantes programas da grade da MetrÓpole, por trazer convidados especialistas, levando aos ouvintes informação de qualidade e esclarecimentos

nos mais variados assuntos relativos a saúde. Particularmente, destaco duas ocasiões em que pude esclarecer dúvidas bem relevantes para mim sobre a pandemia de Covid 19 e sobre cuidados paliativos, pois quais os especialistas explanaram respostas de forma muito acessível e didática”, destacou a ouvinte Ana Barreto.

Há também quem acompanha e entra no ar somente para registrar como se sente ao ter a possibilidade de ficar por dentro dos temas da área de saúde. “Quero deixar registrado que quem não acompanha esse programa está perdendo muito, porque nos deixa bem informado e atualizado”, relatou o ouvinte Jesuíno em sua participação.

CAETANO QUASE FOI SÃO FRANCISCO DE ASSIS NA TELA QUENTE

Por **James Martins**
james.martins@metro1.com.br

Todo ano a Semana Santa, mesmo para quem não é cristão ou católico, impõe sua liturgia. Até a programação da tevê se adequa e exibe filmes sobre a vida de Jesus Cristo. E entre os mais reprisados está certamente “Jesus de Nazaré”, do italiano Franco Zeffirelli, com Robert Powell no papel do Salvador. Filmes sobre santos e afins também têm lugar de destaque na telinha nessa época. Mas, antes de entrar no assunto anunciado ali no título, me permitam contar uma historinha de Semana Santa que eu adoro. O poeta Vinícius de Moraes estava paquerando aquela que seria sua quarta mulher e que ele conheceu ainda menina, Maria Lúcia Proença, a Lucinha. Ambos, porém, são casados (ele com Lila, ela com Jorge). Um dia, por acaso, se encontram em Paris, livres de seus respectivos “conjes”, como diria Sérgio Moro. Daqui pra frente deixo a palavra com José Castello, biógrafo do poeta. “Um dia, está circulando por uma avenida quando uma voz masculina a chama aos gritos. Vem de um carro que diminui a velocidade.

Vinícius está ao volante. Os dois se cumprimentam e ele pede seu endereço parisiense. É segunda-feira. O poeta a convida para jantar no dia seguinte. Lucinha, difícil, diz que só pode na sexta. Assim que fala, se corrige: - ‘Mas é Sexta-Feira Santa...’. E, algo constrangida, conclui: - ‘Talvez seja melhor ficar para outro dia’. Vinícius, senhor de si, não a deixa esmorecer: - ‘Não, Lucinha, não é Sexta-Feira Santa. É Sexta-Feira da Paixão’, rebate. Está tudo dito”.

Agora voltemos ao tema. Por falar em filmes de santos, o que pouca gente comenta é que Caetano Veloso quase estrelou um filme de Zeffirelli, anterior ao “Jesus de Nazaré”, mas não menos conhecido. Isso mesmo. O nosso cantor e compositor foi cotado para encarnar São Francisco de Assis em “Irmão Sol,

Irmã Lua”, de 1972. A história é interessante e está registrada no livro “Verdade Tropical”, mas vou aproveitar pra acrescentar alguns detalhes que ouvi do próprio Caetano. Quem teve a ideia de sugeri-lo para o papel foi Leslie Gould, executivo da Paramount, que era sua gravadora no exílio. Foram a Roma encontrar o diretor.

Mas, ao chegarem à mansão de Zeffirelli, já encontraram-no com seu protagonista escolhido, Graham Faulkner. Depois de jurar que Caetano era a cara de Florinda Bolkan, o cineasta ainda o pediu que

cantasse alguma coisa antes de dispensá-lo. “Eu ria por dentro ao pensar que o cara da Paramount é que estava propondo um mulatinho brasileiro magricelo para o papel de São Francisco, enquanto o diretor do filme queria um inglês convencional-

mente bonito e de olhos azuis”, narra ele no livro.

Antes, porém, em seus primeiros momentos na Cidade Eterna, Caetano, Dedé (sua mulher então) e Guilherme Araújo (o empresário) pularam uma fogueira. Devidamente hospedados, foram ver a Fontana di Trevi, ali pertinho. Como de costume, o hotel retivera seus passaportes para verificações, e, assim, sem lenço sem documento, os três acabaram presos. Por sorte, um líder estudantil brasileiro que também estava em Roma, sabendo que eles chegariam, decidiu procurá-los e, como não encontrasse, fez uma ronda nas delegacias e os soltou. “No fim disso tudo, Dedé e Guilherme ainda acenderam um charo em plena praça”, lembra Caetano. Nunca mais vi o filme com os mesmos olhos. E a partir de agora nem vocês.

Zeffirelli não quis o baiano no papel do Irmão Sol



midia ninja

SR Clínica Odontológica
Dra. Silvânia Rocha
cuidados que fazem a diferença

**ONDE VOCÊ VÊ
UM PROFISSIONAL,
EXISTE UMA EQUIPE
DE ESPECIALISTAS.**

**CLÍNICO GERAL,
CIRURGIA, DENTÍSTICA,
DTM, ENDODONTIA,
ORTODONTIA, ODONTOPEDIATRIA,
PERIODONTIA E PRÓTESE**

71. 3052-1880



RESPONSÁVEL TÉCNICO: DRA. SILVÂNIA ROCHA - CROBIA 14011

BAHIA

CIÊNCIA EM SEGUNDO PLANO

Porto Seguro transforma “kit Covid” em bandeira política e usa método pouco transparente para divulgar casos e mortes pela doença

Saúde

Texto **Juliana Rodrigues**
juliana.rodrigues@metro1.com.br

Contestado por especialistas, o chamado “tratamento precoce” contra a Covid-19 com substâncias como cloroquina e ivermectina é adotado como política pública em cidades como Porto Seguro, no sul do estado. Dados obtidos pela agência Fiquem Sabendo apontam que, em 2020, o Ministério da Saúde enviou ao município 80 mil comprimidos de difosfato de cloroquina. Em novembro, pouco depois de ser eleito, o prefeito Jânio Natal (PRP) anunciou a distribuição do ‘kit covid’ na cidade.

A estratégia é a bandeira política da secretária de Saúde, Raíssa Soares. Nas redes sociais, ela defende o “tratamento profilático” contra a Covid-19 e tornou-se “celebridade” entre bolsonaristas.

**Kit não tem
eficácia
comprovada
pela ciência**



DADOS FORA DA NORMA DA SESAB

Nos boletins diários, o município destaca a taxa de recuperados da Covid-19 como um indicativo de sucesso da estratégia. Além dos casos testados, Porto Seguro contabiliza pacientes suspeitos sem confirmação por testagem entre os recuperados da doença. Na última terça (30), dos mais de 17 mil casos tidos como curados da Covid-19, cerca de 7 mil, ou 38% do total, haviam sido testados. Em outras cidades com cerca de 150 mil habitantes, como Teixeira de Freitas e Ala-

goinhas, há cerca de 10 mil casos confirmados por testagem.

O secretário estadual de Saúde, Fábio Vilas Boas, afirma que essa forma de contagem está fora dos padrões da Sesab. “A norma deve ser a mesma para a Bahia inteira”, diz. Segundo a secretaria, o município do Sul do Estado apresenta o 18º maior número de casos ativos e a 38ª maior taxa de letalidade, de cerca de 2%. Em comparação com cidades do mesmo porte, Porto Seguro tem a mais alta taxa de letalidade.

marcos santos/ag para



EFEITOS DO ‘KIT COVID’ JÁ IMPACTAM HOSPITAIS

A adoção do “kit Covid” em Porto Seguro vai na contramão da orientação da Secretaria de Saúde do Estado (Sesab), expedida na última terça (30), contra a prescrição de medicamentos sem eficácia comprovada para pacientes com quadro confirmado de Covid-19, internados em unidades estaduais ou contratadas. “Consi-

dero inadmissível que um gestor público gaste dinheiro público com terapêuticas sem qualquer comprovação científica da sua efetividade”, diz Vilas Boas.

Ao mesmo tempo, médicos relatam um número cada vez maior de pacientes que dão entrada nas unidades de saúde com efeitos colaterais das medicações.

“As pessoas usam inadvertidamente por conta própria ou usam porque algum médico prescreveu”, disse o infectologista Adriano Oliveira.

Procurados pelo **Jornal da Metrópole**, o prefeito de Porto Seguro, Jânio Natal, e a secretária de Saúde, Raíssa Soares, não se manifestaram.



80 MIL

comprimidos de cloroquina foram enviados à cidade

“As pessoas usam inadvertidamente por conta própria ou porque algum médico prescreveu.”

Adriano Oliveira, infectologista



PESSACH OU PÁSCOA? OS DOIS

A celebração judaica deu origem à cristã e em 2021 serão comemoradas simultaneamente

Religião

Texto **Kamille Martinho**
kamille.martinho@metro1.com.br

Pessach ou Páscoa? Os dois. A primeira é uma celebração judaica, a segunda, cristã. Uma deu origem à outra e apesar de comemoradas simultaneamente este ano, as festas se diferem em suas origens e tradições. Como diz o rabino da Congregação Israelita Beth-El e comentarista da Metrópole, Uri Lam, explicar o pessach como “páscoa judaica” é um tanto limitante. A comemoração feita pelos cristãos é uma ressignificação da festa hebraica e “as duas tradições estão sempre em diálogo respeitoso e amoroso”. No artigo escrito pelo rabino Henry Sobel, falecido em 2019, Jesus era judeu e foi através dele que toda a “cristandade passou a ser co-herdeira do seu grandioso legado espiritual”. “Um elo essencial entre os dois credos”.

“As duas tradições estão sempre em diálogo respeitoso e amoroso”



arquivo/metropress

DESDE A ANTIGUIDADE, CELEBRANDO A LIBERDADE

De origem hebraica, que quer dizer “passagem”, Pessach celebra a liberdade e a independência do povo hebreu da escravidão imposta pelo faraó e seus apoiadores no Egito. Já a páscoa comemora a ressurreição de Jesus e é um dos pilares mais importantes do cristianismo. Para a psicóloga Karin Weitzman, judia que vive em Israel, a antiga tradição não poderia ser mais atual. “Não tem

nada a ver com o natal, mas a vivência é parecida. A festa reúne toda a família para comemorar a liberdade e trazê-la para os dias de hoje. Para que as pessoas sejam livres para exercer sua sexualidade, sua religião, ideias políticas. Porque foi isso que conquistamos. Os judeus puderam ser o que são”, esclarece.

Até meados do século 4, judeus e cristãos comemora-

vam a Páscoa no mesmo dia, mas em torno do ano de 325, a Igreja Católica decidiu festejar a ressurreição de Jesus sempre no primeiro domingo de lua cheia depois do equinócio de primavera (de outono, no hemisfério sul). Em geral, essa dia cai depois do Pessach, que começa a ser celebrado na primeira lua cheia do mesmo equinócio.



david holfield/unsplash



diana polekhina/unsplash

SEGUNDA PÁSCOA NA PANDEMIA

Dom Marco Eugênio Galvão Leite de Almeida, bispo auxiliar da Arquidiocese de Salvador, esclarece que o período não celebra um ritual antigo, mas sim as vivências e as histórias de Jesus. “São gestos simbólicos extremamente elucidativos do mistério de Jesus Cristo”. Segundo ele, a celebração em meio à pan-

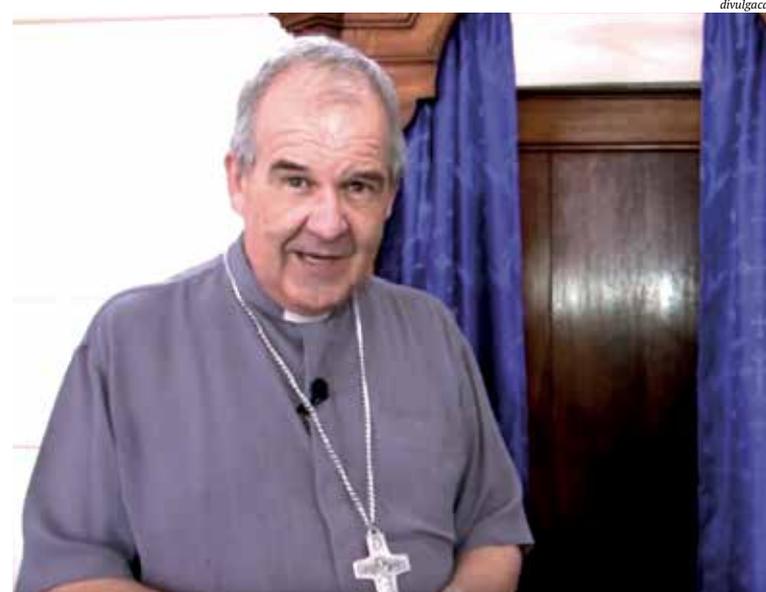
demia do coronavírus não se torna especial, mas diferente. “A maneira de fazer é outra, mas é a mesma verdade celebrada”, comenta. “Nós não vamos poder marcar presença, mas, acima de tudo, a grande celebração se faz no coração. Quem não pode, se une espiritualmente por um telefonema, por um cartão, por uma carta”.

RITUAIS ALIMENTÍCIOS

As duas tradições possuem semelhanças, é claro, mas cada uma com suas particularidades. Na famosa sexta-feira santa os cristãos evitam comer carne vermelha em respeito à morte de Cristo. Já os judeus não comem nenhum produto fermentado. O costume, que pode causar estranheza, simboliza a pressa do povo hebreu ao fugir da escravidão. “O pessach dura sete

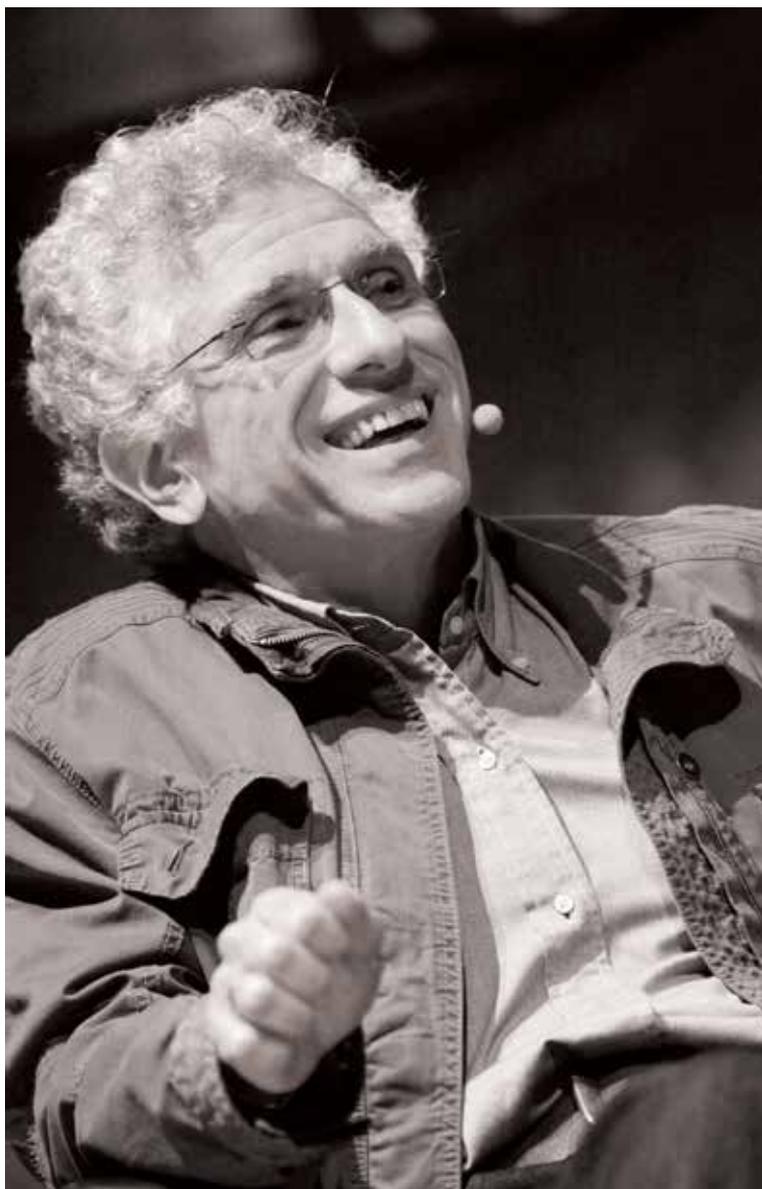
dias e a primeira noite é muito importante. Contamos toda a história que aconteceu no Egito e passamos por rituais alimentícios para lembrar alguns momentos. Comemos a erva amarga pra lembrar do amargor de ser escravo, molhamos a batata na água com sal pra lembrar das lágrimas e do suor dos judeus, além de não comermos nada fermentado”, conta Karin.

“Comemos erva amarga pra lembrar do amargor de ser escravo”



divulgacao

CONTARDO CALLIGARIS



■ Escritor, psicanalista e dramaturgo

O país perdeu nesta semana o escritor e psicanalista Contardo Calligaris, vítima aos 72 anos de um câncer, após luta que travou por mais de um ano. Renomado dramaturgo, ele mantinha laços estreitos com o Brasil desde 1986, quando veio dar palestras sobre seu primeiro livro de psicanálise, “Hipótese sobre o fantasma”. Ao longo dos anos, além de aulas e livros, Contardo foi colunista do jornal Folha de S. Paulo desde 1999. No ano passado, o escritor deu sua última entrevista à **Rádio Metrôpole**, um dos lugares que sempre guardou carinho ao se dirigir aos ouvintes. Ele comentou o período em que se encontrava isolado em função da pandemia e novos rumos da sociedade diante da proliferação do vírus.

MUDANÇAS

Questionado sobre o que pensar sobre mudanças efetivas no mundo pós-pandemia, Calliga-

ris demonstrou que não está tão otimista. “Não acho que vamos ser muito melhores por causa da pandemia. Para mim, estaria bem se pudéssemos manter a mesma coisa. Mas a gente nunca volta à mesma coisa”, afirmou o psicanalista.

AS FUGAS

Contardo falou ainda do movimento negacionista que tomou conta do país diante da pandemia. Ele afirmou que as visões paranoicas e teorias da conspiração levam à negação da ciência. “As bolsas para as pesquisas científicas foram massacradas, tanto em humanas como exatas. A fuga de cérebros do Brasil vai ser cada vez forte. Primeiro porque o país se torna, infelizmente, mais triste. As pessoas que têm uma chance de ir embora começam a pensar nisso seriamente”, afirmou Contardo Calligaris.

ELIANE CANTANHÊDE

■ Jornalista e comentarista política



filipe scotti/fiesc

A jornalista e comentarista política Eliane Cantanhêde avaliou as recentes demissões dos comandantes das Forças Armadas como um sinal de rompimento com o governo de Jair Bolsonaro. Em entrevista a Mário Kertész na **Rádio Metrópole**, ela avaliou como preocupante o recente movimento do presidente da República. Segundo ela, Bolsonaro perdeu o apoio dos movimentos militares.

SUBMISSÃO

“Ele já tem tantos fronts de guerra, cria mais um, uma guerra exatamente com as Forças Armadas num momento como esse. O presidente Jair Bolsonaro é uma figura muito peculiar. Tem uma personalidade beligerante. Não é ‘Deus acima de tudo’, vai se mostrando que é ele, a conveniência política dele e a mania

dele de competir com todo mundo. Bolsonaro não tem limites para isso”, disse Cantanhêde.

“Ele fez isso porque acha que todo mundo tem que ser submisso a ele”, afirmou a jornalista.

PEGOU MAL

Ela reforçou o papel dos militares para a soberania do país e disse que não há como colocar o Exército, a Marinha e a Aeronáutica em meio a um jogo político. “Tem vários áudios e vídeos do presidente dizendo: ‘eu sou o presidente, eu que mando e não abro mão da minha autoridade’. Aí ele quer mandar as Forças Armadas servirem e estarem de joelhos para fazer tudo o que ele quer. As Forças Armadas são instituições de Estado. Não são instituições de um governo”, comenta. “Bolsonaro confunde as coisas.”

MUDANÇAS

Questionada por MK, Cantanhêde afirmou que Bolsonaro busca forças subservientes ao autoritarismo. “A gente estranha o fato dele ter demitido todo mundo ontem, de manhã ainda, e agora, 24h depois, ainda não tem o nome dos substitutos. É sinal de que ele não vai seguir a regra da antiguidade, uma regra muito preciosa nas Forças Armadas, e que ele está buscando pessoas mais facilmente submissas à vontade dele”, afirma.

Bolsonaro está em busca de “Pazuellos”

HOSPITAL METROPOLITANO

Mais leitos contra a covid.
Mais vidas salvas.

O Governo do Estado segue trabalhando firme para salvar vidas. Agora, abriu antecipadamente o **Hospital Metropolitano** para atender casos de covid, trazendo 280 novos leitos. Com isso, já são mais de 3.000 leitos clínicos ou de UTI por toda a Bahia, em todas as regiões, o maior número em qualquer momento da pandemia. Mas nada disso vai adiantar se você não se cuidar. Use máscara, fuja de aglomerações e higienize sempre as mãos. Todos juntos contra o coronavírus.



ESTRUTURA DO HOSPITAL METROPOLITANO
PARA ATENDIMENTOS COVID:

100 leitos de UTI

120 leitos de assistência
respiratória

60 leitos de Enfermaria

